# Dia 24 — Santa Beuva e Santa Doda, Virgens

Santa Beuva, tão ilustre por sua nobreza e ainda mais por sua virtude, nasceu para o mundo pelos anos de 600. Foi de sangue real, parenta muito próxima do rei Dagoberto e uma das princesas mais cabais de seu século. Correspondeu sua educação a seu nascimento; mas o belo natural da princesa deixou pouco que fazer à educação. Antecipou-se o uso da razão à idade, e não houve menina que menos o parecesse.

Havendo nascido com uma viva inclinação à virtude, não achava gosto em outros entretenimentos que nos exercícios de devoção. Não acertava em sua meninice com outras diversões que com a oração e com a leitura das vidas dos santos. Brilhava tanto por sua discrição como por sua formosura; mas ainda brilhava muito mais por sua extremada modéstia. Sua virtude era as delícias e a admiração da corte; e, sendo ainda mais admirada por aquela que pelas outras prendas sobressalentes que tanto a adornavam, logo conheceram todos que Deus não a destinava para o mundo.

Prevenida Beuva desde o berço com as mais doces bênçãos da graça, em nada achava satisfação senão nos consolos espirituais. Suspirava pelo retiro, era-lhe pesada sua mesma liberdade, e toda a sua ambição, todos os seus desejos eram de consagrar-se a Deus inteiramente.

Achava-se em tão santas disposições quando foi visitá-la seu irmão, o bem-aventurado Baudry, o qual, edificado e admirado de ver sua jovem irmã tão ansiosa do claustro e do retiro, resolveu contribuir eficazmente ao logro de seus piedosos intentos. Mandou edificar-lhe um mosteiro num dos arrabaldes da cidade de Reims, no qual se encerrou a santa donzela com um grande número de virgens que quiseram acompanhá-la.

Acendeu-se logo nele um admirável fervor, avivado pelos ilustres exemplos de nossa santa. O recolhimento interior, o contínuo exercício de oração, de mortificação e de silêncio ressuscitaram no novo mosteiro aqueles milagres de observância, de devoção e de penitência que se admiram no nascimento de todas as religiões; mas nenhuma se assinalava mais no exercício destas virtudes que nossa Beuva. Esquecida inteiramente do que era por seu emprego, pelo título de fundadora e por seu nascimento, só tinha presente o que estava obrigada a ser por sua vocação. Sendo jovem, delicada e criada no regalo da corte, não achava exercício humilde nem penoso para ela; e só se valia de sua autoridade e privilégios para escolher para si o mais baixo.

Logo que se acabou a fábrica do mosteiro, que foi em fins do ano de 639, e se dedicou com a invocação de São Pedro, todas as religiosas, sem atender à repugnância nem às lágrimas de sua benfeitora, elegeram-na unanimemente por sua primeira abadessa. Sabendo Beuva que era muito

melhor obedecer que mandar, resistiu com todas as suas forças às instâncias; mas houve de ceder à autoridade de seu irmão São Baudry, que quis absolutamente que se encarregasse do governo daquela recém-nascida comunidade.

Não fez novidade em seu modo de viver pelo novo cargo; mas pareceu desde então mais humilde, mais mortificada e mais desprendida que antes das coisas da terra, sem valer-se de sua autoridade senão para aumentar seus jejuns, sua oração e suas vigílias.

Persuadida de que a lição mais eficaz de todas é o exemplo e de que uma prelada deve ser tão superior em virtudes como o é em dignidade, procurou que em suas ações vissem suas filhas praticadas as virtudes a que as exortava. Não parece possível governar com maior suavidade nem com maior prudência do que ela o fazia; moderava as penitências, não em si mesma, mas nas outras; e sua afabilidade e doçura lhe ganhavam o coração de todas as suas filhas. Não houve abadessa mais respeitada, porque tampouco a houve que menos se empenhasse em sê-lo. Nunca permitiu que as religiosas jovens tratassem com homens, nem ainda com aqueles que faziam profissão de devotos. Enfim, estendeu-se tanto a fama do novo mosteiro que, concorrendo a ele excessivo número de excelentes donzelas, foi preciso edificar outro na cidade.

Pela terna devoção que professava Beuva à santíssima Virgem, consagrou-lhe o novo mosteiro, cuja igreja dedicou São Nivardo, arcebispo de Reims, com a invocação desta Senhora. Viu-se obrigada a encarregar-se também do governo desta segunda comunidade, a qual ainda excedia em observância à primeira.

Tinha consigo nossa santa uma sobrinha, a quem educava com cuidado muito particular. E, como na escola dos santos se fazem grandes progressos, Doda, que assim se chamava a sobrinha, fazia-os extraordinários na de sua santa tia. Não houve discípula que mais acreditasse sua mestra nem cuja boa educação custasse menos. Parecia haver nascido Doda para a virtude; e assim em pouco tempo foi uma perfeita cópia de sua tia. Desde sua infância estava prometida a um grande senhor da corte da Austrásia; mas, apenas havia gostado as doçuras do claustro, resolveu-se a renunciar ao mundo e a não ter outro esposo que Jesus Cristo. Noticioso aquele senhor desta resolução, tomou a de tirá-la à força do mosteiro; mas, havendo caído do cavalo no caminho de Metz a Reims, feriu-se tão gravemente que morreu poucos dias depois.

São Baudry, que ordinariamente residia em seu mosteiro de Montfaucon, de que era fundador e pai, passou a Reims para ver sua irmã e felicitar sua sobrinha pelo partido que havia abraçado. Como todos três estavam animados de um mesmo espírito, todas as suas conversações serviam para aumentar o fervor reciprocamente; e com elas cresceu tanto em São Baudry a devoção e o amor de Deus que caiu enfermo e, cheio de virtudes e merecimentos, morreu poucos dias depois. Dispôs Santa Beuva que o enterrassem numa igreja do arrabalde dedicada à santíssima Virgem, e lhe sobreviveu pouco tempo. Consumida ao rigor de suas grandes penitências, abrasada pelo fogo do divino amor em que sempre estava acesa e cumulada de merecimentos, foi receber no céu o prêmio devido a sua inocência e a suas exemplares virtudes. Morreu no dia 24 de abril de 674. Suas exéquias foram acompanhadas das lágrimas de suas filhas e da veneração de todos. Quis que a enterrassem na igreja de Nossa Senhora, e Deus fez glorioso seu sepulcro pela multidão de milagres que obrou nele.

Sucedeu Doda no emprego a sua santa tia, cujas virtudes e santidade havia herdado. Foi tão feliz seu governo como o antecedente. Florescia naquele mosteiro a regra que São Bento acabava de publicar, e a nova abadessa cimentou tão solidamente com sua prudência, com sua virtude, com sua suavidade e sobretudo com seu exemplo a observância que sua antecessora havia estabelecido nele que apenas havia mosteiro mais ilustre nem mais recomendável por sua santidade. Poucos anos depois terminou Doda uma vida tão santa com uma ditosa morte e foi enterrada junto a sua tia na mesma igreja de Nossa Senhora do arrabalde. Mas com o tempo foram trasladados a outra parte os três santos corpos: o de São Baudry ao mosteiro de Montfaucon e os de Santa Beuva e Santa Doda ao mosteiro de São Pedro, dentro da mesma cidade de Reims.

# Missa (oração)

A missa é própria do comum das santas virgens, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Da nobis, quæsumus, Domine Deus noster, sanctarum virginum tuarum Beuvæ et Dodæ palmas incessabili devotione venerari: ut quas digna mente non possumus celebrare, humilibus saltem frequentemus obsequiis. Per Dominum nostrum...*

**Português:** Concedei-nos, Deus e Senhor nosso, a graça de venerar com perpétua devoção os triunfos de vossas santas virgens Beuva e Doda, a fim de que, já que não podemos celebrá-los com digno ânimo, os honremos ao menos com humildes e frequentes obséquios. Por nosso Senhor...

# Epístola

A epístola é dos capítulos 10 e 11 da segunda de São Paulo aos Coríntios, e a mesma do dia 17 [^1].

**2 Coríntios 10,17-18; 11,1-2**

> **Latim:** 17 Qui autem gloriatur, in Domino glorietur. 18 Non enim qui seipsum commendat, ille probatus est : sed quem Deus commendat. 1 Utinam sustineretis modicum quid insipientiæ meæ, sed et supportare me : 2 æmulor enim vos Dei æmulatione. Despondi enim vos uni viro, virginem castam exhibere Christo.

**Português:** [17] Aquelle pois, que se gloria, glorie-se no Senhor. [18] Porque não he o que a si mesmo se recommenda, o que he estimavel : mas he sim aquelle, a quem Deos recommenda. [1] OXALÁ que supportasseis por hum pouco a minha insipiciencia, mas em fim tolerai-me: [2] porque vos zelo com zelo de Deos. Por quanto eu vos tenho desposado com Christo, para vos apresentar como virgem pura ao unico esposo.

# Nota

«Deram ocasião a esta segunda carta que escreveu o apóstolo São Paulo aos Coríntios aqueles falsos apóstolos que, para acreditar-se a si mesmos, louvando-se néscia e descaradamente, não cessavam de desacreditar o santo apóstolo. Isto o obrigou a declarar nesta carta quanta era sua autoridade, quanto havia padecido por Cristo e a pureza de sua doutrina.»

# Reflexões

*Não é aprovado o que a si mesmo se recomenda, mas aquele a quem Deus recomenda. Non enim qui seipsum commendat, ille probatus est: sed quem Deus commendat.* Não é espírito aprovado o daquele que se recomenda a si mesmo, mas o daquele a quem recomenda Deus. Não obstante ser o mundo tão injusto em seus juízos, não pode deixar de justificar a verdade deste oráculo; pois não sabe tratar senão com o maior menosprezo os que se engrandecem e se louvam a si mesmos. Entre todos os vícios nenhum está mais desacreditado que o orgulho; e, ainda que o mundo está cheio de homens que se comprazem em zombar uns dos outros e em enganar-se reciprocamente, não pode sofrer aquelas almas baixas que, arrastando sempre por terra, só sabem lançar pó nos olhos e brilhar com um resplendor aparente e artificial. Certamente, se os homens mais destros em enganar estivessem bem instruídos do conceito pouco favorável que formam deles até aqueles mesmos que na aparência os adoram, isto só bastaria para abater sua néscia vaidade e presunção; mas é difícil corrigir um erro que igualmente preocupa o coração e o entendimento. Infelizes de vós, diz o Profeta, que sois sábios a vossos próprios olhos ou que, não o sendo nos de Deus, quereis parecê-lo aos olhos dos homens. Mas o orgulho se alimenta pouco com a realidade; contenta-se com uma brilhantez falsa e aparente; triunfa da credulidade dos bons; zomba da simplicidade dos simples; mas, ao cabo, que tira de fazer tanto ruído? A virtude leva consigo mesma seu esplendor, e o mérito sua estima. Que se saiba ou que se ignore, não é menos rico o que encerra com maior cuidado em seu cofre seu tesouro. Os ajuizados sempre desconfiam de um homem que só se ostenta poderoso por seus excessivos gastos; e estão prevendo que o engano, a ruindade e a pobreza seguirão cedo ou tarde a estas artificiosas ostentações.

Os que têm mais mérito são os que se louvam menos. Nem sempre convém a certo gênero de gentes dar-se a conhecer muito, porque o retiro e a circunspeção realçam um mérito mediano. As sombras fazem ressaltar as cores apagadas, as quais desaparecem se se lhes apresenta a uma grande luz. Louva-se um, rebenta por dar-se a conhecer para fazer-se estimar e desacredita-se. Ainda quando este desafogo da vaidade não expusesse aos olhos de todos mil grosseiros defeitos

que no retiro se ocultam à perspicácia dos malignos, o prurido de fazer-se valer nunca se satisfaz senão à custa de si mesmo.

Um homem capaz e de bom entendimento não se deixa deslumbrar de falsas aparências; sua penetração o conduz mais além. Mas um entendimento limitado jamais sai de si mesmo; como é tão curta sua esfera, não se estendem mais suas luzes e, não descobrindo nos demais coisa que a seu parecer não seja muito comum, só se admira a si próprio. Bom Deus, que irracional é esta paixão! E que prova tão clara é de uma grande pobreza de talento o conceito demasiadamente favorável de sua própria excelência! O mérito verdadeiro só o dá a conhecer sua própria brilhantez: o ruído só serve para descobrir o secreto orgulho que enfada e se reprova; a verdadeira virtude brilha e cala.

Mas o mérito que não é conhecido, de que serve? Eu replico: e que acrescenta ao mérito este conhecimento? É um mais rico porque se saiba que o é? Entre todos aqueles a quem chega a notícia de nosso mérito, quão poucos nos darão seu voto! Quantos no-lo rebaixarão lá em seu coração! Que poucos haverá que em seu conceito não o diminuam, por persuadir-se de que têm eles muito mais que nós!

Mas ainda dado o caso de que todos os homens fossem menos injustos ou menos invejosos e de que todos estivessem muito pagos de nosso mérito, toda a sua estima nos faria porventura mais estimáveis? O certo é que ela pode ser nociva a minha virtude, mas não pode aumentar seu valor. Tanta verdade é que ao cabo sempre é mister recorrer a este oráculo: Não é digno de estima aquele que se recomenda e se engrandece a si mesmo, mas aquele a quem Deus recomenda.

Deste Senhor temos recebido todo o bom que se acha em nós; entendimento, talento, indústria, belas prendas, sabedoria, todos são dons de sua pura liberalidade, e tanto nos fazem estimáveis quanto os reconhecemos por dons. Tememos acaso que não nos encontrará Deus se não nos damos a conhecer? Ignora porventura o que somos? Ainda que estejamos sepultados no retiro e na obscuridade, ainda que sejamos invisíveis e desconhecidos a todas as criaturas, que importará, contanto que ele nos aprove? A dita e a honra de agradar-lhe equivale para nós a todo o demais.

# Evangelho

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus, e o mesmo do dia 17 [^2].

**Mateus 25,1-13**

> **Latim:** [1] Tunc simile erit regnum cælorum decem virginibus : quæ accipientes lampades suas exierunt obviam sponso et sponsæ. [2] Quinque autem ex eis erant fatuæ, et quinque prudentes : [3] sed quinque fatuæ, acceptis lampadibus, non sumpserunt oleum secum : [4] prudentes vero acceperunt oleum in vasis suis

> cum lampadibus. [5] Moram autem faciente sponso, dormitaverunt omnes et dormierunt. [6] Media autem nocte clamor factus est : Ecce sponsus venit, exite obviam ei. [7] Tunc surrexerunt omnes virgines illæ, et ornaverunt lampades suas. [8] Fatuæ autem sapientibus dixerunt : Date nobis de oleo vestro, quia lampades nostræ extinguuntur. [9] Responderunt prudentes, dicentes : Ne forte non sufficiat nobis, et vobis, ite potius ad vendentes, et emite vobis. [10] Dum autem irent emere, venit sponsus : et quæ paratæ erant, intraverunt cum eo ad nuptias, et clausa est janua. [11] Novissime vero veniunt et reliquæ virgines, dicentes : Domine, domine, aperi nobis. [12] At ille respondens, ait : Amen dico vobis, nescio vos. [13] Vigilate itaque, quia nescitis diem, neque horam.

**Português:** [1] ENTÃO será semelhante o reino dos ceos a dez virgens: que tomando as suas alampadas, sahirão a receber o esposo e a esposa. [2] Mas cinco de entre ellas erão loucas, e cinco prudentes: [3] as cinco porém que erão loucas, tomando as suas alampadas, não levarão azeite consigo: [4] mas as prudentes levárão azeite nas suas vasilhas juntamente com as alampadas. [5] E tardando o esposo, começárão a tosquenejar todas, e assim vierão a dormir. [6] Quando á meia noite se ouvio gritar: Eis-ahi vem o esposo, sahi a recebello. [7] Então se levantárão todas aquellas virgens, e preparárão as suas alampadas. [8] E disserão as fatuas ás prudentes: Dai-nos do vosso azeite: porque as nossas alampadas se apagão. [9] Respondêrão as prudentes, dizendo: Para que não succeda talvez faltar-nos elle a nós e a vós, ide antes aos que o vendem, e comprai o que haveis mister. [10] E em quanto ellas forão a comprallo, veio o esposo: e as que estavão apercebidas entrárão com elle a celebrar as vodas, e fechou-se a porta. [11] E por fim vierão tambem as outras virgens, dizendo: Senhor, Senhor, ábre-nos. [12] Mas elle respondendo, lhes disse: Na verdade vos digo que vos não conheço. [13] Vigiai pois, porque não sabeis o dia, nem a hora.

# Meditação

*Da indiferença com que se olha a salvação*

# Primeiro ponto

Considera que nada há mais importante, nada que nos interesse mais que nossa salvação; e contudo nada há em que a maior parte dos cristãos se ocupe menos. No mundo tudo é ocupação: os negócios, os empregos, as diversões e até a mesma ociosidade. Os dias mais longos parecem breves, a vida mais dilatada parece curta para tudo o que se chama negócio; tudo merece nossa atenção; só a salvação geralmente se descuida.

A salvação é em rigor o negócio propriamente nosso; todos os demais são alheios; são forasteiros para nós; são, digamo-lo assim, negócios do estado, do reino, do tribunal, do comércio, de tua comunidade, de tua família, de teus filhos, de teus amigos; mas nada disto é negócio teu. E, se ao

sair deste mundo tudo fizeste bem, menos o negócio de tua salvação, faze conta de que desempenhaste grandemente os negócios alheios, mas não fizeste o teu negócio; e, pelo contrário, se saíste bem no de tua salvação, ainda que fosses infeliz em todos os demais, fizeste teu negócio pessoal: cada um nasceu primeiro para si, depois para os demais.

É digno de admiração que, amando-se tanto os homens a si mesmos, façam tão pouca reflexão sobre uma verdade em que têm tanto interesse. «Quarenta anos há, dizia um cortesão à hora da morte, que estou trabalhando nos negócios do rei, e nem um só quarto de hora trabalhei no meu. Por mais carinho que me tenha o rei, não tem poder para alongar-me um quarto de hora a vida. Se eu houvesse servido a meu Deus com tanta fidelidade e com menos trabalho, que prêmio, que alegria, que ditosa eternidade me esperaria agora!»

A salvação não somente é nosso negócio pessoal, mas é nosso único negócio; porque, falando com propriedade, não temos outro negócio que este. Um homem pobre, desnudo, abandonado, sepultado na obscuridade e no esquecimento, se se salva, fez seu negócio por toda a eternidade e nada há mister. Um homem rico, ditoso, honrado, se se condena, é infeliz para sempre.

Estamos nós bem persuadidos destas verdades? Consideramos nossa salvação como nosso único negócio? Qual é o lugar que ocupa em nosso coração? Respondamo-nos a nós mesmos. Homens de negócios, gentes do mundo, escravos dos prazeres, respondei ao que vossa consciência vos pergunta e ao que ela mesma vos responde. Há alguma coisa que nos toque mais imediatamente que a salvação? É a salvação o móvel de todos os nossos pensamentos, de todos os nossos desígnios, de todos os nossos passos, intenções e operações? Vai, por assim dizer, a salvação à frente de tudo quanto fazemos? Está no lugar que lhe corresponde?

Os santos, os ajustados, tudo referem a isto; o negócio da salvação é o que inteiramente os ocupa; qualquer outro negócio o posporam a ele. São prudentes nisto? Enganam-se porventura? Fazem mal na intenção resoluta que têm de salvar-se e de preferir a salvação eterna a todo o demais? Mas, se são prudentes, se são sábias estas pessoas cristãs, estes santos, nós, que pensamos tão pouco e trabalhamos tão pouco no negócio de nossa salvação, que seremos?

# Segundo ponto

Considera que a maior parte dos que são muito hábeis, muito capazes, muito destros nos negócios do mundo, no negócio da salvação são verdadeiras toupeiras.

É muito difícil salvar-se no mundo, dizem eles; pois livremo-nos deste cuidado. Há no mundo mil estorvos que vencer; pois deixemos aos religiosos o empenho de superá-los. É muito contagioso o ar que se respira no mundo; todo ele está cheio de perigos; pois exponhamo-nos sem preservativos e caminhemos sem guia. O negócio da salvação é muito dificultoso, está cheio de espinhos; pois não há que matar-nos muito para trabalhar nele desde logo; deixemos isto para quando não possamos fazer coisa de proveito. Causa compaixão este modo de discorrer, e a mesma razão natural se amotina contra ele. Mas nunca discorremos assim nós? E os que tanto se queixam das grandes dificuldades que há no mundo para salvar-se e contudo trabalham tão pouco

para vencê-las, discorrem melhor porventura?

Em boa-fé: ainda quando as dificuldades que há no mundo para salvar-se fossem de tanto vulto como se figuram, deveríamos ao menos deliberar um ponto sobre a necessidade de vencê-las? Mas não é certo que estas dificuldades sejam tão grandes como se diz. A um enfermo e a um menino qualquer carga se lhes faz muito pesada; mas, em crescendo este e em sarando aquele, levam a mesma carga sem dificuldade. A má disposição de nosso coração faz que nos pareça tão penoso o caminho do céu. Digam os mundanos o que quiserem, o jugo do Senhor é suave, e sua carga leve. Que dificuldade, que aspereza há que sua graça não a facilite, não a aplaine?

Mas concedamos aos cristãos tíbios e covardes que o negócio da salvação tem suas dificuldades, que é penoso. E por isso o havemos de olhar com indiferença, havemo-nos de acovardar, havemos de emperrar em trabalhar nele? Contudo, isto é o que se faz hoje em dia no mundo; e queira Deus, queira Deus que não haja também algo disto até na mesma vida religiosa. Facilmente se distinguem os fervorosos. Sempre será verdade que as pessoas verdadeiramente piedosas, as que se ocupam unicamente no negócio da salvação, compõem um rebanho pequeno: *Pusillus grex.* Parece que já passou a ser prescrição o costume de olhar a salvação com olhos indiferentes; apenas se pensa nela, e falta pouco para que se tenha lástima dos que ocupam nisto seu pensamento. Aquelas pessoas mundanas tão divertidas e tão alegres, aqueles homens de negócios ou de passatempos, aqueles libertinos, aqueles indevotos, aquelas gentes tão pouco cristãs que jamais pensam no inferno, na salvação, senão quando a morte as ameaça e as assusta; que só se chegam aos sacramentos quando a morte se vai chegando a elas: todos estes cristãos superficiais, fantasmas de cristãos, olham a salvação como seu maior e único negócio? Até aquelas pessoas consagradas a Deus e obrigadas por estado e por profissão a caminhar incessantemente para a perfeição cristã, vivem sempre ocupadas no cumprimento de suas obrigações? Afanam-se muito por aspirar ao que devem? Não terão coisa de que acusar-se sobre sua indiferença em ordem à perfeição evangélica?

Bom Deus, ainda quando o negócio da salvação fosse tão fácil como é dificultoso segundo o sentir das mesmas gentes do mundo; ainda quando não fosse de nenhuma consequência este negócio, poder-se-ia fazer menos caso do que se faz dele? Que negócio há, que bagatela que não nos mereça mais atenção e mais cuidado que este negócio decisivo de nossa eternidade? Se se tratasse da fortuna de um estrangeiro, da sorte, da vida de um homem desconhecido, poder-se-ia olhar com mais indiferença este negócio que com a que tantos e tantos olham o de sua eterna salvação? E à vista disto haverá quem se admire de que sejam tão poucos os que se salvam!

Ah, Senhor, quanta tem sido até aqui minha necedade! E qual será minha sorte eterna se só atendeis a minha infidelidade e a minha indiferença! A vossa misericórdia me acolho; vossa infinita bondade é todo o meu refúgio; cheio de confiança em vossa divina graça, vou desde logo trabalhar incessantemente no negócio de minha eterna salvação.

# Jaculatórias

> *Patientiam habe in me, et omnia reddam tibi.* Mt 18.

Dai-me tempo, Senhor, dai-me tempo, que eu procurarei pagar-vos tudo o que vos devo.

> “ *Porro unum est necessarium.* Lc 10.

Não, Senhor, não há mais que um negócio necessário, e este é o de minha salvação.

# Propósitos

1. Ao ver a frieza e até o desgosto com que a maior parte dos cristãos olham tudo aquilo que conduz a salvar-se, quem não dirá que a salvação é uma coisa indiferente, que importa pouco condenar-se e que Deus nos fica muito obrigado quando nos dá na veneta de não nos perdermos? Com que destreza e com que tento é mister tratar os libertinos e muitas damas do mundo quando dão alguns sinais de querer converter-se! São necessárias a doçura, a compaixão, a eloquência acompanhada de todos os lenitivos que podem inspirar o zelo e a caridade cristã. Tudo isto prova quão pouco se conhece a importância da salvação e a indiferença com que se a olha. Será boa desculpa dizer que isto de salvar-se é coisa árdua? Pois quê, a salvação é para nós coisa indiferente? Tem a salvação suas dificuldades, é certo; mas que outro negócio há que não tenha as suas? Não há algo que vencer para lograr ascensos na carreira das armas, para ser homem de cabedal no comércio, para fazer fortuna por qualquer outro rumo que se siga? Quem há que não conheça as dificuldades que lhe saem ao encontro em seu emprego, em seu dever, em seu estado? Quantos desvelos, quantos afãs, quantos maus ratos há de passar para vencê-las? Que estado, que condição há na vida que esteja a coberto das inquietações, das mortificações, dos enfados, dos contratempos? Quem, senão o que queira ser tido por um homem insensato, se resolve a ficar ocioso com pretexto de que custa trabalho aplicar-se a seus negócios; e em que classe do mundo colocaremos os que nada querem fazer por não se cansar? E só no negócio da salvação nos há de ser lícito não parecer racionais, só nele poderemos mostrar falta de entendimento e de conduta sem desacreditar-nos por isso! Olha, pois, com horror desde este momento tão detestável indiferença; e convence-te de que é a mais insigne loucura, a mais funesta e a mais lamentável desdita não aplicar-se com seriedade ao negócio de sua salvação. Acaba sempre as preces ou orações da manhã com estas belas palavras, que deveriam estar gravadas em todas as paredes: *Porro unum est necessarium.* Hoje não tenho mais que um negócio preciso e necessário, que é o de minha salvação. Procura tê-las escritas com letras grandes em alguma parte de teu quarto, onde te deem, por assim dizer, nos olhos muitas vezes ao dia; e, quando te saia mal alguma pretensão, algum negócio temporal, imagina que te diz Deus lá dentro do coração: *Porro unum est necessarium:* uma só coisa te é necessária, que é salvar-te.

2. Impõe-te uma lei de não empreender jamais negócio algum que não o refiras a tua salvação. Dize a ti mesmo o que se dizia a si próprio São Francisco de Borja: «Este negócio, este estudo, esta diversão conduzirão para salvar-me?» Deixa tudo antes que deixar as obrigações de cristão: nenhum negócio há de estorvar-te teus exercícios espirituais diários, tua oração, tua missa, tua lição espiritual, tua visita de altares, tua frequência de sacramentos. O homem de um só negócio está todo ocupado nele.

# São Gregório, Bispo

Em Ilíberis ou Elibéris, antiga sé episcopal da Bética ou Andaluzia, situada na opinião de uns num monte contíguo a Granada e segundo outros na mesma cidade, floresceu no século IV de nossa era São Gregório, prelado digno de memória eterna por seu zelo apostólico, por sua eminente ciência e grande santidade e especialmente por sua inflexível constância em não comunicar jamais com os hereges arianos.

Havia penetrado o arianismo até o Ocidente, depois de haver desolado quase toda a Igreja oriental, protegido com a autoridade do imperador Constâncio, filho do grande Constantino, acérrimo defensor da impiedade, que perseguiu cruelmente os prelados católicos e desterrou de suas sés os mais zelosos e exemplares. Ensoberbecida a heresia com suas conquistas, acendeu uma guerra sangrenta entre católicos e arianos; o ódio era mútuo entre ambos os partidos, e não se via outra coisa entre os que por seu caráter deviam edificar que cisma e divisão.

Para terminar uma discórdia tão perniciosa como geral, que pôs a Igreja no estado mais deplorável, convocou-se em Rímini um concílio no ano de 359, o qual, havendo tido um princípio bom e santo, teve um fim muito desgraçado. Haviam concorrido a ele mais de 400 bispos do Ocidente, e corriam já sete meses de ausência de suas igrejas sem haverem-se concluído os negócios a satisfação de todos. Enfim prevaleceram os arianos, propondo uma fórmula capciosa na qual se confessava que o Filho era semelhante ao Pai e que não era criatura como as demais; e, preocupados os ortodoxos com aquela aparência que não soava desigualdade nas divinas pessoas, assinaram a fórmula, onde na realidade estava oculto o veneno da heresia. Remetida a Constantinopla, onde estava o imperador, fez este que a assinassem os legados de outro sínodo celebrado por aquele tempo em Selêucia, com todos os demais bispos que se achavam na corte. Prosseguiu tão adiante aquela desfeita tempestade que sobrepujou os danos que causaram à Igreja os gentios com suas perseguições. Enviou-se por todo o mundo a fórmula, com ordem do imperador para que fosse desterrado todo aquele que não a assinasse. Foram muito poucos os que não cederam ao preceito imperial; uns sem conhecer a peçonha, outros por temor, outros atendendo ao prêmio e alguns com pretexto de conservar a paz.

Entre os que se salvaram do naufrágio de tão temível borrasca foi um nosso santo, cuja invencível firmeza fez seu nome tanto mais recomendável quanto foi mais visível sua constância em meio do maior número de tímidos e condescendentes com que contava o partido do erro. Deus o reservou com outros poucos escolhidos de igual zelo e fortaleza para sustentar os direitos da verdade. Gregório a nada atendeu tanto como a conservar a fé católica nos termos precisos com que se

havia definido no concílio geral de Niceia. Ele soube resistir aos arianos e tornar patentes as artificiosas palavras de sua fórmula de fé, mantendo-se inflexível em não comunicar com os suspeitos de heresia. Não o acovardaram as formidáveis penas com que eram ameaçados todos os que não queriam dar cumprimento aos injustos decretos do imperador, aos quais fez rosto firme, apesar do mau exemplo dos muitos prelados que cederam covardemente à providência de um príncipe declarado inimigo dos católicos.

Santo Eusébio de Vercelli, um dos insignes bispos que defenderam em Rímini a fé católica contra todo o poder dos arianos, pelo que foi desterrado de sua sé, sem que bastasse para contê-los o respeito de sua autoridade, o alto conceito de sua santidade nem a reputação universal de sua sabedoria, na carta que escreveu a nosso santo elogia sua constância em haver-se recusado a comunicar com os bispos que no concílio de Rímini trataram com Ursácio e Valente, caudilhos da heresia, o que louva como uma ação digna de um prelado ortodoxo e de um sacerdote de Deus, nascida de um coração zeloso e firme em sustentar a verdade, sem abrandar-se com o terror nem com os desterros cominados por um soberano, acérrimo protetor da impiedade [^3].

Além desta admirável inteireza, que fez digno nosso santo de uma eterna glória, elogia-o o padre São Jerônimo no livro dos varões ilustres, dizendo que compôs até sua última idade diversos tratados e um elegante livro sobre a fé, o qual, ainda que existia no tempo do santo doutor, hoje não nos consta com certeza sua existência; porque o que corre com este título é atribuído a diversos autores, e alguns críticos o estimam de Faustino Luciferiano.

Há quem tenha querido fazer São Gregório da seita dos luciferianos, já porque resistiu com Lúcifer, bispo de Cagliari, à comunicação com os hereges, já porque o elogiam Marcelino e Faustino, da mesma seita, no libelo que ofereceram no ano 364 aos imperadores Valentiniano, Teodósio e Arcádio, que deu à luz Sirmond no de 1590. Mas, além dos testemunhos de São Jerônimo e de Santo Eusébio de Vercelli, que louvam sua fé, zelo e santidade, é preciso distinguir que não é o mesmo convir Gregório com Lúcifer em negar-se à comunhão com os hereges que resistir a ela ainda no caso de que, arrependidos de seus erros, regressassem ao grêmio da Igreja, que foi o erro destes sectários, em que jamais incorreu nosso santo. Muito menos é bastante para esta censura o elogio que fazem dele Marcelino e Faustino no dito libelo, reconhecido por todos os críticos como um agregado de imposturas e falsidades.

Finalmente, cheio de merecimentos, depois de haver governado muitos anos seu bispado como um zeloso pastor, morreu no Senhor em fins do século IV, não nos constando o ano de seu precioso trânsito e sabendo somente por São Jerônimo que vivia ainda no ano de 392.

# São Fidélis de Sigmaringa, Mártir

São Fidélis, belo ornamento da ordem dos capuchinhos e ilustre mártir da fé católica, nasceu em Sigmaringa, pequena cidade da Suábia, no ano de 1557. Seu pai, chamado João Rey, enviou-o a estudar na universidade de Friburgo, na Suíça, onde logo se deu a conhecer por seu talento e se fez amar por sua modéstia, sua circunspeção e seus finos modos. O Senhor, que o havia escolhido

para vaso de eleição, conservou-lhe a inocência em meio dos perigos que rodeiam a juventude estudiosa, e o santo contribuiu por sua parte fazendo uma vida muito mortificada; jamais bebeu vinho e sempre vestiu cilício. Seguiu a carreira da jurisprudência e, havendo ganhado todos os cursos, recebeu com muito aplauso o capelo de doutor.

No ano de 1604 partiu em companhia de três jovens cavaleiros que enviaram seus pais a viajar por diferentes partes da Europa. Nosso santo se dedicou principalmente a inspirar-lhes vivos sentimentos de religião, dando-lhes o exemplo das virtudes mais edificantes e sobretudo de uma terna e sincera devoção. Não deixava passar dia algum de festa sem aproximar-se da sagrada mesa; visitava as igrejas e os hospitais de todas as cidades que encontrava em seu trânsito; socorria os pobres segundo suas faculdades, e muitas vezes lhe sucedeu despojar-se de seus vestidos para dar-lhos.

De volta de suas viagens, obteve em Colmar, cidade da Alsácia, um lugar na magistratura. Desempenhou-o nosso santo com muita reputação; e, como os dois principais móveis de sua alma eram a justiça e a religião, a primeira o fazia reto e inacessível ao suborno e a segunda o inclinava a interessar-se em favor dos desvalidos: assim mereceu que o chamassem o advogado dos pobres. Mas, havendo visto algumas injustiças que não estava em sua mão evitar, começou a desgostar-se de seu cargo; temeu ver-se envolvido nos pecados de outros e, dando de mão aos negócios, resolveu deixar o mundo e acolher-se ao sagrado da religião. Havia em Friburgo um convento de capuchinhos que edificavam toda a comarca pela austeridade de sua vida. A este asilo determinou retirar-se nosso santo e, fazendo doação de seus bens e biblioteca ao seminário conciliar em benefício dos estudantes pouco favorecidos da fortuna, depois de distribuir aos pobres seus restantes efeitos, tomou o hábito de capuchinho no ano de 1612. Seu superior lhe deu o nome de Fidélis e, segundo o costume dos capuchinhos, apelidou-se de Sigmaringa, da cidade em que havia nascido.

Desde o momento em que vestiu o santo hábito, é indizível o ardor com que aspirou à perfeição religiosa pelo caminho das humilhações e das penitências. Em vão se amotinaram as paixões, vendo-se refreadas no claustro: a obediência a seus superiores e a docilidade com que escutava e seguia os conselhos de seu confessor, a quem manifestava todos os segredos de sua alma, o fizeram sair vitorioso das mais violentas tentações. Seu fervor não se contentava com as mortificações prescritas pela regra, sem embargo de ser esta austeríssima; seus jejuns eram rigorosos; no advento, quaresma e vigílias não vivia mais que de pão, água e frutas secas. Nenhuma coisa era capaz de interromper o recolhimento interior de sua alma; e em suas orações nada pedia tanto a Deus como que o livrasse de todo pecado e até da tibieza.

Estudou por obediência a sagrada teologia, na qual fez tão notáveis progressos que, apenas foi ordenado sacerdote, deram-lhe seus superiores o cargo de pregar a palavra de Deus e de ouvir as confissões dos fiéis. Num e noutro ministério portou-se com admirável discrição e com grande zelo, e o fruto foi correspondente a tão boas qualidades. Havendo-o nomeado guardião do convento de Feldkirch [^5], obrou milagres de conversão nesta cidade e povos circunvizinhos, logrando também desenganar de seus erros a muitos calvinistas.

Chegou a Roma a notícia das virtudes de Fidélis e dos copiosos frutos que acompanhavam seus trabalhos apostólicos; e, informada disto a congregação da Propaganda, nomeou-o para ir pregar aos grisões, em cujo país não havia penetrado missionário algum depois que este povo havia tido a desgraça de abraçar o calvinismo. A empresa era por conseguinte arriscada, capaz de desalentar outro zelo menos ardente que o de nosso santo; mas Fidélis tinha tão na alma a maior glória de Deus e a conversão de seus próximos que partiu com alegria ao teatro de sua missão, sem arredá-lo nem as fadigas do caminho nem as ameaças que lhe fizeram de tirar-lhe a vida. Levou consigo oito religiosos de sua ordem, que lhe foram associados para trabalhar sob sua direção. Nas primeiras conferências convenceu a dois cavaleiros calvinistas, e suas conversões fizeram grande ruído no país. Penetrou em 1622 no cantão de Prättigau, onde converteu muitos hereges. Tudo pregava nele: sua modéstia, sua compostura, a pobreza de seu hábito, a austeridade de sua vida, seu semblante mesmo e até suas mais indiferentes ações; mas mais que a tudo isto e à energia de seus discursos se deveu o grande número de conversões que fez ao fervor de suas orações.

Bramou de raiva o inferno ao ver as presas que se arrancavam de seu poder, e seu furor se comunicou aos calvinistas, que haviam tomado as armas contra o imperador. Alarmados pelo grande número de hereges que convertia nosso santo, resolveram deter seus progressos desfazendo-se dele a toda custa. Soube o santo missionário seus infernais desígnios, mas nem por isso se desanimou; antes, subindo ao púlpito na vila de Grüsch, no dia 24 de abril de 1622, depois de haver-se confessado e dito missa, pregou com uma espécie de entusiasmo sagrado; predisse sua morte a muitas pessoas e depois assinou todas as suas cartas: «Frei Fidélis, que será logo alimento de vermes.» Desde Grüsch passou a pregar em Seewis, em cuja igreja, estando persuadindo os católicos a que permanecessem firmes na fé, um calvinista lhe disparou um mosquetaço que felizmente não o tocou; os fiéis lhe rogaram com instância que se retirasse, mas ele lhes respondeu que não temia a morte e que estava pronto a sacrificar sua vida pela causa de Deus.

Não tardou em chegar este momento. Voltava o santo à vila de Grüsch e no caminho caiu nas mãos de um bando de soldados calvinistas que capitaneava um ministro de sua seita. Lançaram-se sobre ele como uns lobos, golpearam-no, insultaram-no, trataram-no de sedutor e quiseram obrigá-lo à força a que abraçasse o calvinismo. «Que é o que me propondes? respondeu o padre Fidélis; eu vim entre vós para refutar vossos erros e não para abraçá-los. A doutrina católica é a fé de todos os séculos, a única verdadeira e pela qual estou pronto a dar minha vida.» A estas palavras, um da tropa lhe desferiu uma cutilada e o derribou em terra; o santo se levantou e, posto de joelhos, fez esta oração: «Senhor, perdoai a meus inimigos: a paixão os cega, e não sabem o que fazem. Jesus meu, tende misericórdia de mim; Maria, mãe de Deus, assisti-me.» Acabada esta súplica, uma segunda cutilada o estendeu no chão banhado em seu sangue; e, não satisfeito com isto o furor daqueles soldados, acribilharam-lhe o corpo a punhaladas e lhe cortaram a cabeça e a perna esquerda.

Sucedeu a preciosa morte de São Fidélis no ano de 1622, aos quarenta e cinco de sua idade e dez de profissão. Os católicos enterraram no dia seguinte seu corpo, que se conserva com muita veneração no convento dos capuchinhos de Feldkirch; mas a cabeça e a perna esquerda, que haviam sido separadas do tronco, foram trasladadas depois com muita pompa e solenidade à catedral de Coira, onde se veneram, obrando o Senhor grande número de milagres pela

intercessão de seu servo. Entre eles se conta a conversão do ministro que capitaneava os soldados, o qual, havendo visto verificada a derrota dos calvinistas pelos imperiais, conforme a uma predição do santo, movido desta circunstância, reconheceu-se e abjurou publicamente a heresia. O papa Bento XIII beatificou o ilustre mártir do catolicismo em 1729, e Bento XIV o canonizou em 1746, colocando seu nome no martirológio romano no dia 24 de abril.

# Martirológio Romano

Em Seewis, no país dos grisões, São Fidélis de Sigmaringa, da ordem dos capuchinhos, o qual, havendo sido enviado a pregar a fé naquela terra, foi morto pelos hereges, e o papa Bento XIV o colocou no catálogo dos santos mártires.

Em Roma, São Sabas, capitão de uma companhia de soldados, o qual, sendo acusado de que visitava os cristãos nos cárceres, confessou o nome de Jesus Cristo diante do juiz, por cujo mandado o queimaram com tochas acesas e o meteram numa caldeira cheia de piche fervendo, da qual saiu são e salvo. Com este milagre se converteram setenta pessoas que, perseverando com inalterável constância em confessar a fé, foram passadas a fio de espada: por último, a São Sabas lançaram-no num rio, onde consumou seu martírio.

Em Lião da França, a festa de São Alexandre, mártir, que, depois de uma longa prisão no tempo de Antonino Vero, foi primeiramente de tal maneira despedaçado pela crueldade dos que o açoitavam que, rota a juntura das costelas e descobertas as entranhas, se lhe viam até os intestinos; por último, falto de sangue e de forças, foi cravado numa cruz, onde entregou seu ditoso espírito. Com ele martirizaram outros trinta e quatro cristãos, cuja memória se celebra em diferentes dias.

No mesmo dia, os santos Eusébio, Neão, Leôncio, Longinos e outros quatro que, depois de cruéis tormentos, foram degolados na perseguição de Diocleciano.

Na Inglaterra, o trânsito de São Melito, bispo, que foi enviado a esta ilha por São Gregório e converteu à fé os saxões orientais com seu rei.

Em Elvira, na Espanha, São Gregório, bispo e confessor.

Na Irlanda, São Egberto, presbítero e monge, de admirável humildade e continência.

Em Reims, as santas virgens Beuva e Doda.

# Missa (oração)

A missa é do comum de confessor pontífice, e a oração do santo é a seguinte.

> **Latim:** *Da, quæsumus, omnipotens Deus, ut beati Gregorii, confessoris tui atque pontificis, veneranda solemnitas, et devotionem nobis augeat et salutem. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

**Português:** Nós vos rogamos, ó Deus onipotente, que a veneranda festividade do bem-aventurado Gregório, vosso confessor e pontífice, aumente em nós a devoção e, com ela, a esperança de nossa salvação. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

# Epístola

A epístola é dos capítulos 44 e 45 do Eclesiástico (o original diz «Sabedoria»), e é a mesma que a do dia 1.

> **Latim:** *Ecce sacerdos magnus, qui in diebus suis placuit Deo, et inventus est justus, et in tempore iracundiæ factus est reconciliatio. Non est inventus similis illi qui conservaret legem Excelsi. Ideo jurejurando fecit illum Dominus crescere in plebem suam. Benedictionem omnium gentium dedit illi, et testamentum suum confirmavit super caput ejus. Agnovit eum in benedictionibus suis: conservavit illi misericordiam suam, et invenit gratiam coram oculis Domini. Magnificavit eum in conspectu regum; et dedit illi coronam gloriæ. Statuit illi testamentum æternum, et dedit illi sacerdotium magnum, et beatificavit illum in gloria. Fungi sacerdotio, et habere laudem in nomine ipsius, et offerre illi incensum dignum, in odorem suavitatis.*

**Português:** Eis aqui um grande sacerdote que em seus dias agradou a Deus e foi achado justo, e no tempo da ira fez-se reconciliação. Não se achou semelhante a ele na observância da lei do Altíssimo. Por isso o Senhor, com juramento, fez que fosse célebre em seu povo. Deu-lhe a bênção de todas as nações e confirmou em sua cabeça o seu testamento. Reconheceu-o por suas bênçãos e conservou-lhe sua misericórdia, e achou graça aos olhos do Senhor. Engrandeceu-o na presença dos reis e deu-lhe a coroa da glória. Fez com ele uma aliança eterna e deu-lhe o sumo sacerdócio, e encheu-o de glória, para que exercesse o sacerdócio, fosse louvado seu nome e lhe oferecesse incenso digno dele, em odor de suavidade.

# Reflexões

*Deu-lhe o grande sacerdócio para que exercesse suas funções, para que cantasse louvores a Deus, para que em seu nome anunciasse ao povo sua glória e para que oferecesse incessantemente ao mesmo Deus incenso digno em odor de suavidade.* Isto é pontualmente o que quer Deus de todo aquele a quem eleva à alta dignidade do sacerdócio: que exerça suas funções, *fungi sacerdotio*, isto é, que todos os dias ofereça no altar o cordeiro sem mancha; que sua ocupação e seu ofício seja cantar louvores ao Senhor e pregar ao povo sua palavra. E, por quanto um ministério tão santo e um caráter tão sagrado estão pedindo uma vida pura, inocente e exemplar, que em todos os tempos exale o bom odor de Jesus Cristo, exige Deus de todos os sacerdotes um arranjo de costumes mais exato, uma virtude mais particular e um fervor mais constante. São os sacerdotes, por seu caráter, pessoas consagradas; por seu estado, ministros do altar; por seu título, conquistados ou adquiridos especialmente pelo Senhor e escolhidos para ser oráculos do Deus vivo, intérpretes de sua vontade, depositários dos méritos e até do mesmo sangue do Redentor. Sua vida escondida em Jesus Cristo, segundo a expressão do Apóstolo, deve representar aos olhos de todos a vida do mesmo Cristo. Seus dias não são seus; reservou-os para si o que os chamou a seu serviço; está-lhes proibida toda ocupação puramente profana; para eles todos os dias são feriados, isto é, dias de festa e de solenidade: pensamentos, ações, desejos, diversões, até a mesma aparente ociosidade, tudo deve ser neles santo ou santificado. Sendo respeitáveis até aos anjos por seu elevado caráter, não o devem ser menos aos homens pela inocência e pela santidade de sua vida.

# Evangelho

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus (o original diz «capítulo 23»), e é o mesmo que o do dia 1.

**Mateus 25,14-23**

> **Latim:** 14 Sicut enim homo peregre proficiscens, vocavit servos suos, et tradidit illis bona sua. 15 Et uni dedit quinque talenta, alii autem duo, alii vero unum, unicuique secundum propriam virtutem : et profectus est statim. 16 Abiit autem qui quinque talenta acceperat, et operatus est in eis, et lucratus est alia quinque. 17 Similiter et qui duo acceperat, lucratus est alia duo. 18 Qui autem unum acceperat, abiens fodit in terram, et abscondit pecuniam domini sui. 19 Post multum vero temporis venit dominus servorum illorum, et posuit rationem cum eis. 20 Et accedens qui quinque talenta acceperat, obtulit alia quinque talenta, dicens : Domine, quinque talenta tradidisti mihi, ecce alia quinque superlucratus sum. 21 Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui. 22 Accessit autem et qui duo talenta acceperat, et ait : Domine, duo talenta tradidisti mihi, ecce alia duo lucratus sum. 23 Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra

> in gaudium domini tui.

**Português:** [14] Porque assim he como hum homem, que ao ausentar-se para longe, chamou aos seus servos, e lhes entregou os seus bens. [15] E deo a hum cinco talentos, e a outro dous, e a outro deo hum, a cada hum segundo a sua capacidade, e partio logo. [16] O que receberá pois cinco talentos, foi-se, e entrou a negociar com elles, e ganhou outros cinco. [17] Da mesma sorte tambem o que receberá dous, ganhou outros dous. [18] Mas o que havia recebido hum, indo-se com elle, cavou na terra, e escondeu alli o dinheiro de seu senhor. [19] E passando muito tempo, veio o senhor d'aquelles servos, e chamou-os a contas. [20] E chegando-se a elle o que havia recebido os cinco talentos, apresentou-lhe outros cinco talentos, dizendo: Senhor, tu me entregaste cinco talentos, eis-aqui tens outros cinco mais que lucrei. [21] Seu senhor lhe disse: Muito bem, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor. [22] Da mesma sorte apresentou-se tambem o que havia recebido dous talentos, e disse: Senhor, tu me entregaste dous talentos, eis-aqui tens outros dous, que ganhei com elles. [23] Seu senhor lhe disse: Bem está, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor.

# Meditação

*A que perigo se expõem os que passam uma vida ociosa*

# Primeiro ponto

Considera a que risco nos expomos numa vida ociosa e inútil e quanto devemos temer o castigo de um Deus justamente irritado, que pode fulminar contra nós aquela terrível sentença de reprovação pronunciada contra a árvore que não leva fruto.

Muito tempo há que não cessa Deus de avisar-nos: inspirações, graças, auxílios, instruções, leitura de bons livros, acidentes imprevistos, tudo se dirige a converter-nos. Faz muito tempo que o Senhor busca frutos e não encontra mais que folhas ou frutos semelhantes aos do campo de Gomorra, que debaixo de uma bela casca só escondiam cinzas. Qual será, pois, nossa sorte? Que destino devemos esperar? A árvore estéril é condenada ao fogo: um cristão vazio de boas obras, sem devoção e que não tem mais que a aparência de cristão terá o céu por herança?

*Quid est quod debui ultra facere vineæ meæ, et non feci?* Que mais devi fazer por minha vinha que não fizesse? diz o Senhor pelo Profeta. Traze à memória os auxílios que te concedi, as graças que te dispensei. Depois de tantos afãs, não devia eu esperar que esta minha vinha me correspondesse com frutos doces? E, em meio disso, não me deu mais que cachos muito amargos.

*Nunc ergo, habitatores Jerusalem, et viri Juda, judicate inter me, et vineam meam:* Julgai, pois, agora vós mesmos, homens ingratos, se tenho razão para queixar-me de vós. Fiz por vós mais do

que vós mesmos vos atreveríeis a esperar e, em certa maneira, ainda mais do que poderíeis crer. Convindes nos benefícios que haveis recebido de minha liberal mão: mas servistes-me por isso com maior fidelidade? Amastes-me mais?

Não temos razão para temer o justo castigo com que Deus ameaça a vinha estéril? *Auferam sepem ejus, et erit in direptionem.* Lançarei por terra o cercado com que a resguardei e deixá-la-ei aberta ao arbítrio dos caminhantes e dos passantes; converter-se-á em caminho público e será pisada de todos; já não se cultivará mais; se produzir algo, serão espinhos e abrolhos; e, para cúmulo de sua desdita, já não desprenderei eu minha aprazível chuva sobre uma terra tão ingrata, sobre uma vinha que não dá fruto. É fácil entender o que significam estas expressões. Fizeram-se no tempo da Páscoa os propósitos mais santos; conheceu-se o perigo de certas visitas, de certas funções, de certas concorrências, de certas conversações e de certos maus costumes. Foi fruto da dor e do arrependimento um plano de vida nova; concluiu-se que era indispensável a emenda e a reforma. Mas, poucos dias depois, tudo isto deu por terra. E um Deus tão justamente irritado continuará depois seus extraordinários desvelos? Derramará depois com profusão seus especiais favores? Deixará em pé esse cercado que tu mesmo fazes tantos esforços por derribar? Cumular-te-á sempre de novos benefícios e de novas graças?

# Segundo ponto

Considera a desgraça de uma alma a quem castiga o Senhor com esta justa, mas espantosa privação. Derribada a cerca, isto é, perdido aquele recolhimento interior e debilitado aquele salutar temor dos juízos de Deus, a alma será presa infeliz de todas as paixões; ocuparão tumultuariamente o coração mil turbulentos cuidados; apenas se deixará perceber a voz de Deus senão lá no mais fundo do mesmo coração; não farão impressão os salutares conselhos de um confessor douto e prudente; olhar-se-á a virtude com tédio e com desgosto; far-se-á intolerável o jugo do Senhor; parecerá como seco e esgotado o manancial das graças. E que será de uma pobre alma em tão lamentável estado?

Talvez te lisonjearás com que não te abandonaste à última desordem. Mas lembra-te de que o servo mandrião e preguiçoso não foi castigado porque houvesse perdido o talento, mas por não haver negociado com ele. Esperas voltar sobre ti e confessar-te na primeira festa; mas, se a confissão que fizeste pela Páscoa da Ressurreição foi inútil, não deves temer que não o seja menos a que fizeres pela Páscoa do Espírito Santo? Enquanto isso o tempo se passa, e talvez, talvez estamos já tocando o termo fatal de nossa vida. *Jam enim securis ad radicem posita est.* Talvez será a última solicitação da graça; talvez será a derradeira vez que Deus nos advertirá, que Deus nos tocará o coração, que Deus nos apertará para que saiamos deste estado infrutuoso e estéril. E depois de tudo isto não devemos temer que pronuncie contra nós aquela sentença do pai de família contra a figueira que não dava figos? *Succidite illam, ut quid terram occupat?* Cortem essa árvore quanto antes, lancem-na ao fogo; a que propósito se há de deixá-la ocupar o terreno de outra que pode dar excelente fruto, acreditando as diligências do cultivo?

Coisa estranha! Fazemos todos estas reflexões; a muitos estremecerão estas verdades; todos convimos em que é muito arriscada uma vida inútil para o céu; e, em meio disso, para quantos

serão inúteis estas reflexões!

Não permitais, Senhor, que seja eu deste número. Árvore estéril até aqui, fiz ineficazes todas as vossas graças, inúteis todos os vossos desvelos. Não vos canseis, Deus das misericórdias; continuai, Senhor, continuai em assistir a esta alma com vossa graça, que espero dará fruto de hoje em diante.

# Jaculatórias

> *Patientiam habe in me, et omnia reddam tibi.* Mt 18.

Dai-nos, Senhor, ainda um pouco de tempo, que eu vos satisfarei o que vos devo.

Mostrai, Deus meu e Senhor meu, neste dia que vós sois meu soberano dono e que eu sou fiel e humilde servo vosso. 3 Rs [^4].

# Propósitos

1. Se compreendeste o perigo a que está exposta uma vida ociosa, inútil e frouxa, facilmente evitarás este perigo com o horror que te causará semelhante vida. Mas guarda-te bem de que este horror se reduza só a projetos aéreos, a desejos inúteis que matam o preguiçoso. Procura que todas as tuas meditações sejam práticas, isto é, que se reduzam sempre à reforma de teus costumes, a arranjar tua conduta e à prática da virtude. Até aqui foi inútil tua vida, ou ao menos houve nela grandes vazios: procura que daqui em diante sejam dias cheios todos os teus dias, segundo a frase da Escritura. Dá desde logo princípio pelo dia de hoje, praticando nele todas aquelas obras e exercícios que correspondem a teu estado. Visita os pobres enfermos no hospital; consola-os com tuas palavras e com tuas esmolas. Se não os podes visitar no hospital, exercita esta obra de caridade com alguns de tua paróquia. Há muitas famílias honradas que têm grande falta de tudo; o que a ti te sobra as acomodaria muito a elas; socorre-as e gasta nisto o que havias de gastar numa mesa esplêndida, num convite inútil, num vestido supérfluo ou num móvel não necessário, que bem podes passar sem estas coisas. Farás nisto um grande sacrifício. Rogo-te que tomes gosto a esta prática.

2. Foge da companhia da gente ociosa e evita toda concorrência onde reina a ociosidade. Tem continuamente alguma coisa em que ocupar-te. Uma senhora cristã sempre deve ter alguma lavor que a ocupe; à lavor suceda a oração ou a leitura de algum livro devoto. Procura que seja útil até teu mesmo descanso, por meio de conversações que fomentem a virtude e que edifiquem. Acostuma-te a levantar o coração a Deus frequentemente com breves jaculatórias e com atos de amor seu. É devoção muito proveitosa rezar a Ave-Maria sempre que dá alguma hora. Muito se

adiantará com uma vida acostumada a estes devotos exercícios: são umas indústrias espirituais, ao parecer de pouca entidade, mas na realidade de grande valor para enriquecer-se a alma.

[^1]: O original remete à «pág. 432» da edição consultada; no presente volume, a epístola é 2 Cor 10–11, reproduzida acima, conforme o dia 17. [^2]: O original remete à «pág. 431»; o evangelho é Mt 25,1-13 (as virgens prudentes e as néscias), reproduzido acima, conforme o dia 17. [^3]: No original há aqui uma chamada de nota («carta[1]»), cujo texto não aparece na digitalização. [^4]: No original, «Rey. 3», isto é, o Terceiro Livro dos Reis da Vulgata (1 Rs 18,36 na numeração atual); a identificação do versículo é conjetural. A digitalização não traz o texto latino desta jaculatória. [^5]: Os nomes de lugar do relato de São Fidélis aparecem deformados no OCR («Welthirchen», «Pretigout», «Gruch», «Sevis»); foram restituídos como Feldkirch, Prättigau, Grüsch e Seewis, por conjetura a partir da história do santo.

---

Revision #1
Created 20 November 2026 20:47:27 by Admin
Updated 20 November 2026 20:47:27 by Admin